



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS - CSHNB  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO/  
CIÊNCIAS DA NATUREZA**



**ELBA DE MOURA VELOSO**

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DO EXERCÍCIO DOCENTE DE MULHERES DO CAMPO  
DO MUNICÍPIO DE SUSSUAPARA-PI**

**PICOS  
2019**

**ELBA DE MOURA VELOSO**

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DO EXERCÍCIO DOCENTE DE MULHERES DO CAMPO  
DO MUNICÍPIO DE SUSSUAPARA-PI**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza, Universidade Federal do Piauí, *campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Sara Lopes Melo

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Universidade Federal do Piauí**  
**Campus Senador Helvécio Nunes de Barros**  
**Biblioteca Setorial José Albano de Macédo**  
**Serviço de Processamento Técnico**

**V437h** Veloso, Elba de Moura.  
História e memória do exercício docente de mulheres do campo do município de Sussuapara-PI. / Elba de Moura Veloso. -- Picos,PI, 2019.  
35 f.  
CD-ROM: 4 ¾ pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação do Campo / Ciências da Natureza). – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2020.  
“Orientador(A): Profa. Dra. Patrícia Sara Lopes Melo.”

1. Exercício Docente. 2. Professoras do Campo. 3. Educação - Memória. I. Título.

**CDD 378.12**

*Elaborada por Rafael Gomes de Sousa CRB 3/1163*

**ELBA DE MOURA VELOSO**

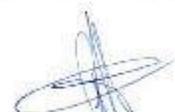
**HISTÓRIA E MEMÓRIA DO EXERCÍCIO DOCENTE DE MULHERES DO  
CAMPO, DO MUNICÍPIO DE SUSSUAPARA-PI**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza, da Universidade Federal do Piauí, *campus* Senador Helvílio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Educação do Campo.

Picos (PI), 06 de NOVEMBRO de 2019.

**Banca Examinadora**

  
Prof.ª Dr.ª Patrícia Sara Lopes Melo  
Orientadora - UFPI

  
Prof. Dr. Gardner de Andrade Arrais  
Examinador - UFPI

  
Prof. Me. Jânio Ribeiro dos Santos  
Examinador - UFPI

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar, porque, sem Ele eu não teria chegado ao final deste curso. Por ter me concedido também a oportunidade de contribuir para minha comunidade com essa pesquisa sobre o resgate da História e Memória do exercício Docente de Professoras do Campo de Sussuapara- PI, o que me trouxe lembranças maravilhosas do tempo de criança na escola, pois as interlocutoras foram minhas professoras. Estou muito grata por cada entrevista concedida pelas queridas: Maria das Neves Moura (Marizinha) e Maria Alzenir de Moura Costa Veloso.

Agradeço a minha família, em especial meu pai: Abraão José Veloso e minha mãe: Edileusa Cristina de Moura Veloso. Aos amigos que participaram dessa longa jornada, que cabe citar: Nivaldo Antônio Leal, Lucas de Moura Veloso, Daniela Rosa da Silva Pereira, Milena Araújo Carvalho Sousa, Joyce Samara de Holanda Maia (*in memoriam*) grande companheira e uma ótima conselheira, Lucas Holanda Monteiro, Sandra da Conceição Sales Leite, Nataniel de Sousa Costa, Adevânio Antônio de Brito, Maria Aparecida de Lima, entre outros.

Agradeço aos docentes que acompanharam minha trajetória acadêmica, dentre os quais não poderia deixar de citar: prof.<sup>a</sup> Simone Vieira Batista, prof.<sup>a</sup> Edneide Maria Ferreira da Silva, prof. Fábio Soares da Paz, e em especial minha orientadora prof.<sup>a</sup> Dra. Patricia Sara Lopes Melo, por toda compreensão, respeito e companheirismo.

O Curso de Licenciatura em Educação do Campo abriu as portas do conhecimento em minha vida, e hoje eu me identifico como uma mulher do campo e que foi criada no campo, considerando a conclusão desse curso, uma emancipação tanto pessoal como profissional. Que as dificuldades não nos traguem e nem nos esmoreça nas lutas que são e serão travadas em busca dos nossos direitos, e que não nos acomodemos com as migalhas oferecidas.

Avante companheiros!

## RESUMO

Este trabalho apresenta como tema a história e memória de professoras do campo sobre o exercício da docência, em que traçou-se como questão norteadora: quais as histórias e memórias de duas mulheres do campo do Município de Sussuapara, Piauí, acerca do desenvolvimento do exercício da docência, no que compreende aos procedimentos metodológicos, recursos didáticos, formação, experiências, bem como outros elementos desenvolvidos nessa prática? Para alcance dessa questão definiu-se como objetivo geral: investigar a história e memória de professoras do campo do Município de Sussuapara, Piauí, sobre o exercício da docência. Como objetivos específicos: investigar como se deu a feminização docente, identificar as práticas docentes desenvolvidas pelas professoras do campo; analisar as histórias e memórias sobre a prática docente das professoras do campo. Eis alguns teóricos que fundamentaram este estudo: Almeida (1998), Louro (1997) e outros. Como referencial para estruturação metodológica: Meihy e Holanda (2014); Meihy e Ribeiro (2011) dentre outros. No desenvolvimento da pesquisa elegeu-se como método a História Oral, pautada na abordagem qualitativa. Para produção dos dados foi utilizado a entrevista semiestruturada, que contou com a orientação de um roteiro, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com a participação de duas professoras, que atuaram nas escolas municipais de Sussuapara, nos anos de 1986 a 2018. O critério para a seleção das participantes foi por se tratar das duas professoras que foram minhas docentes na infância. Os dados produzidos revelaram o entendimento sobre as práticas docentes executadas antigamente pelas mesmas, suas dificuldades e diante do mesmo foi possível analisar vários pontos como: desafios, adequações à prática docente e seus interesses pessoais, consistindo no sustento familiar. Sendo possível observar que no passado a maioria dessas profissionais em educação eram escolhidas por indicação.

**Palavras Chave:** História. Memória. Exercício Docente. Professoras do Campo.

## ABSTRACT

This paper presents as a theme the history and memory of teachers of the field about the exercise of teaching, in which it was traced as a guiding question: what are the stories and memories of two women from the field of Sussuapara, Piauí, about the development of the exercise? of teaching, regarding methodological procedures, didactic resources, training, experiences, as well as other elements developed in this practice? To reach this question, the following general objective was defined: to investigate the history and memory of teachers in the field of Sussuapara, Piauí, about the teaching practice. As specific objectives: investigate how teacher feminization took place to, identify the teaching practices developed by the teachers of the field; analyze the stories and memories about the teaching practice of the teachers of the field. Here are some theorists who supported this study: Almeida (1998), Louro (1997) and others. As a reference for methodological structuring: Meihy and Holanda (2014); Meihy and Ribeiro (2011) among others. In the development of the research was chosen as method Oral History, based on the qualitative approach. For the production of the data, a semi-structured interview was used, which had the guidance of a script, by signing the Informed Consent Form, with the participation of two teachers, who worked in Sussuapara municipal schools, from 1986 to 2018. The criterion for the selection of participants was because they were the two teachers who were my teachers in childhood. The data produced revealed the understanding about the teaching practices previously performed by them, their difficulties and before it was possible to analyze various points such as challenges, adaptations to teaching practice and their personal interests, consisting of family support. It can be observed that in the past most of these education professionals were chosen by appointment.

**Keywords:** History. Memory. Teaching Exercise. Field teachers.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	08
<b>2</b>	<b>HISTÓRIA E MEMÓRIA DO EXERCÍCIO DOCENTE</b> .....	10
2.1	Feminização da Profissão Docente.....	10
2.2	Formação e Prática Docente.....	15
<b>3</b>	<b>PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS</b> .....	17
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DA HISTÓRIA E DA MEMÓRIA DAS PROFESSORAS</b> .....	19
4.1	Histórias de Vida e o Ingresso na Profissão Docente.....	20
4.2	Prática Docente: Limites no Ensino.....	24
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	29
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	30
	<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	32
	<b>APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA</b> .....	34

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo traz como tema a história e a memória do exercício docente de professoras do campo do município de Sussuapara, Piauí que atuaram na alfabetização e séries iniciais. Atualmente, discute-se sobre o papel das mulheres, enquanto sujeitos históricos, diante do protagonismo desempenhado em sociedade, dispõe-se de experiências de vida que podem ser utilizadas como fonte de pesquisa.

A partir da relevância das mulheres na sociedade elaboramos o problema da pesquisa no intuito de pesquisar sobre: quais as histórias e memórias das professoras do campo do Município de Sussuapara, Piauí, acerca do desenvolvimento do exercício da docência, no que compreende aos procedimentos metodológicos, recursos didáticos, formação, experiências, bem como outros elementos desenvolvidos nessa prática?

A partir dessa questão traçou-se o seguinte objetivo geral: investigar a história e memória do exercício docente de mulheres do campo do Município de Sussuapara, Piauí. Para alcance dessa proposta, definiu-se os seguintes objetivos específicos: investigar como se deu a feminização docente; identificar as práticas docentes desenvolvidas pelas professoras do campo; analisar a história e a memória da prática docente das professoras do campo. Dessa maneira, considerando o recorte e a temática a ser pesquisada, espera-se que, por meio dos métodos que serão utilizados, possamos chegar à compreensão da problemática discutida.

A escolha por esta temática se justifica pela minha trajetória pessoal, por residir no referido município, ter sido aluna das professoras participantes desta pesquisa e pelo interesse de aprofundar os estudos sobre as experiências de vida das professoras, tratando-se de uma oportunidade de refletir sobre as vivências e histórias. Entretanto, o processo investigativo demanda cautela, ética e organização, pois ao vasculhar as memórias dos participantes de uma pesquisa é possível encontrar episódios agradáveis, ou não, e até mesmo silenciados. Analisar histórias é refletir sobre sentimentos e acontecimentos que ficam guardados na memória e que só serão buscados em alguns momentos das nossas vidas.

A viabilidade da pesquisa está relacionada à oportunidade de ouvir o relato das professoras e coletar informações que subsidiem o estudo, acerca da sua atuação no magistério, mediante a narrativa de memórias. Essa temática destacou-se entre outras por se configurar como uma oportunidade de fazer o registro das memórias das professoras do campo e refletir sobre sua prática docente, o contexto camponês, reconhecendo as dificuldades no processo de

educação e de resistência, passando assim a ser visto como um complexo objeto cultural que enseja novas possibilidades de pesquisa.

Com base na discussão anterior, a realização desse estudo poderá contribuir para a história das professoras do campo no município de Sussuapara, Piauí, considerando a trajetória dessas professoras. O trabalho encontra-se estruturado em três seções. A primeira seção, trata-se desta introdução, que discorre sobre o problema de pesquisa, os objetivos, a justificativa e a relevância do estudo. Na segunda seção é apresentada a discussão e fundamentação teórica do estudo acerca das temáticas investigativas. A terceira seção se concentra nos pressupostos metodológicos que nortearam o desenvolvimento do estudo, no que compreende ao método, instrumentos, sujeitos da pesquisa. Na última seção temos a análise dos dados produzidos por intermédio da História Oral, acompanhada da discussão fundamentada das narrativas. Em seguida, apresenta-se as considerações finais, referências e apêndices.

## 2 HISTÓRIA E MEMÓRIA DO EXERCÍCIO DOCENTE

Tendo em vista a problemática a ser pesquisada e considerando as discussões teóricas que permeiam a historiografia, pretendemos fazer algumas reflexões que não se colocam como conceitos ou definições acabadas, mas possam ser uma possibilidade de ampliar e melhor entender os temas aqui abordados. Para tal pretensão, buscaremos fundamentar a nossa pesquisa nos debates sobre Memória.

Tudo o que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, mas já história. Tudo o que é chamado de clarão de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da história. A necessidade de memória é uma necessidade da história. (NORA, 1993, p. 14)

### 2.1 Feminização da Profissão Docente

Os estudos de Pesavento (2004) trazem definição sobre memória e afirmam que a mesma se aproxima da história uma vez que ambas são formas de representar o passado, por meio de lembranças sem a presença física de alguém que fez parte de uma memória passada.

[...] a memória permite que se possa lembrar sem a presença da coisa ou da pessoa evocada, simplesmente com a presença de uma imagem no espírito e com o registro de uma ausência dada pela passagem do tempo. (PESAVENTO, 2004, p. 94)

Dessa maneira, percebemos que trabalhar as histórias por meio de memórias, quer seja de caráter narrativo memorialístico ou por meio da oralidade é uma possibilidade de se fazer história, como afirma Le Goff (2003, p. 471) “a memória na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”.

No estudo da Memória são diversas as considerações que ao mesmo tempo ampliam e delimitam esse estudo. Sendo assim, levaremos em conta também a ideia de memória política, uma vez que este trabalho pensará o indivíduo como um ser político que atua na sociedade e está passível de narrar os fatos da seguinte maneira:

Na memória política, os juízos de valor intervêm com mais insistência. Os sujeitos não se contentam em narrar como testemunha histórica “neutra”. Ele quer também julgar, marcando bem o lado em que estava naquela altura da história, e reafirmando sua posição ou matizando-a. (BOSI, 1994, p. 453)

Então, considerando o pensamento referenciado, cabe aos pesquisadores saber como articular essas e outras questões que possam surgir ao trabalhar com a memória. Partindo do

interesse de estudar o protagonismo feminino a partir das histórias de vida de professoras, não podemos deixar de procurar entender a questão da feminização do magistério para depois tratarmos da prática docente, voltando-se principalmente para fatores ligados à construção social da concepção do exercício docente aos efeitos que a mesma traz para a condição das mulheres na sociedade e no mercado de trabalho.

Para Nóvoa (1992), a profissão docente surge no seio de algumas congregações religiosas, por volta do século XVI, quando, nesse período, a Igreja detinha a hegemonia política, cultural e religiosa. Com a crescente intervenção do Estado na Educação (século XVIII), passou a haver uma maior atenção aos professores, instituindo-os como corpo profissional. Criaram-se neste processo as escolas normais, em pleno século XIX, o que trouxe como uma das consequências importantes o fortalecimento inicial da profissão docente. No contexto da profissionalização do professorado, exercia-se a profissão docente por tempo integral (ou como atividade principal), e para continuar o desenvolvimento do exercício estabeleceu-se como necessário um suporte legal emitido pelo Estado, ou seja, uma licença para ensinar.

Desde o início da história da Educação no Brasil, com a chegada dos jesuítas, até o final do século XIX, a profissão docente era representada pela figura do homem como sendo um exemplo para a conduta das crianças e referência para a formação do caráter. A esse respeito, Louro (1997, p. 92) aponta que:

O mestre – e o jesuíta é seu exemplo mais perfeito – é cuidadosamente preparado para exercer seu ofício. Ele se torna um ‘especialista da infância’, ele domina os conhecimentos e as técnicas de ensino, as armas para a conquista das almas infantis e para a sua vigilância, ele sabe graduar seus ensinamentos, estimular a vontade, treinar o caráter e corrigir com brandura – ele é o responsável imediato e mais visível da formação dos indivíduos.

Percebe-se que o homem representava o modelo que a sociedade devia seguir, sendo ele o detentor da razão, do conhecimento, bem como o sujeito apto a participar das tomadas de decisão da sociedade. Sendo assim, a educação constituía-se numa ação masculina, pois era feita por homens e para homens, visto que o acesso das mulheres à educação não era assegurado.

Com a Lei Geral, de 15 de outubro de 1827, aprovada após a Independência do Brasil, é contemplada a escolarização da mulher, mas de forma restrita. Enquanto os meninos aprendiam a ler, escrever, calcular e saber geometria, as meninas aprendiam as prendas, como: costurar, bordar, cozinhar e demais atividades para a economia doméstica. A educação feminina, apesar da pretendida igualdade, diferenciava-se nos seus objetivos, pois, segundo os positivistas, o trabalho intelectual não devia fatigá-las, nem se constituir um risco a uma

constituição que se afirmava frágil e nervosa, o que poderia certamente, debilitar seus descendentes. Segundo Almeida (1998, p. 19), “na realidade, o fim último da educação era preparar a mulher para atuar no espaço doméstico e incumbir-se do cuidado com o marido e os filhos, não se cogitando que pudesse desempenhar uma profissão assalariada”.

Nota-se, assim, que a mulher deveria ser educada e não instruída e sua participação era restrita ao ambiente familiar desenvolvendo a atividade do cuidado, assumindo um papel de submissão frente à sociedade patriarcal.

A Lei Geral também solicitava que as mulheres fossem de “reconhecida honestidade” e os homens “sem nota de regularidade na sua conduta”. Com a descentralização do ensino levada a termo pela Lei N° 16, de 12 de agosto de 1834, a lei de 1827 serviria como modelo para as primeiras legislações provinciais a respeito do ensino primário. As legislações provinciais estão repletas de restrições ao exercício do magistério por parte das mulheres. Além da boa conduta, normalmente atestada pelo pároco, a professora deveria ter uma certa idade, solicitar autorização do pai, ou do marido se fosse casada, apresentar a certidão de óbito se viúva, e, se separada, justificar sua separação comprovando comportamento honrado.

As reflexões sobre a feminização do magistério (NÓVOA, 1992) ganham destaque na segunda metade do século XIX, marcando a profissão docente com o embate entre a profissionalização, menosprezo da profissão e proletarização do trabalho docente, tendo em vista que, historicamente, a mulher era apenas responsável pelos cuidados com os filhos e com o marido. Não só no campo da educação, mas também em outros, como a literatura, a música e a dança, observa-se a condição de subordinação e repressão das mulheres em relação ao poder masculino, isto até o início do século XX, quando a mulher exercia uma função social vinculada ao espaço doméstico, privado. Foi nesse processo histórico que a mulher, pouco a pouco, profissionalizou-se, e ampliaram-se as possibilidades de participar ativamente de processos identitários.

Nessa trajetória, o principal papel profissional exercido pela mulher foi o de professora, formando-se no curso de magistério e exercendo a sua função reconhecida pela sociedade como “tia”, aquela que cuida da criança. Assim, a identidade profissional feminina foi sendo construída, baseada na inserção feminina no mercado de trabalho, mesmo que exercendo a docência, permitindo conquistar um espaço na vida pública. Segundo Louro:

A entrada das mulheres no exercício do magistério – o que, no Brasil, se dá ao longo do século XIX (a princípio lentamente, depois de forma assustadoramente forte) – foi acompanhada pela ampliação da escolarização a outros grupos ou, mais especialmente, pela entrada das meninas na sala de aula (1997, p. 78).

Em seguida, com a feminização do magistério, a profissão passou a viver um processo de desprofissionalização (NÓVOA, 1992). No meio rural, a desprofissionalização docente sempre existiu, principalmente quando se situa a professora leiga na história, mais comum nas áreas rurais.

Considerada uma profissão masculina até os anos finais do século XIX, a docência feminina, no Brasil, aos poucos vai tomando lugar na educação, conforme Almeida (1998, p. 65), são dois os motivos para essa inserção das mulheres no magistério, primeiro pelo “repúdio à coeducação liderado pela Igreja Católica” e, segundo, pela “necessidade de professoras para reger as classes femininas”. Os ideais republicanos que propagavam a necessidade de instrução do povo para que o fenômeno da feminização do magistério no Brasil ganhasse cada vez mais impulso.

Para Berger (1984) foi a fundação de escolas protestantes, especialmente metodistas e presbiterianas, que quebraram o monopólio religioso do catolicismo, e que pela primeira vez na história do Brasil reuniram sob o mesmo teto alunos de ambos os sexos (1984, p.168). Estas escolas passaram a ser instaladas no Brasil a partir de 1870. Mais ou menos a partir desta data, apareceram nas províncias as escolas públicas mistas. As professoras recebiam autorização para lecionar aos meninos até uma determinada idade, geralmente entre 12 a 14 anos. (Os homens, no entanto não conseguiram esta permissão). Isto abriu um novo campo para o magistério feminino: o ensino masculino/ misto.

Da mesma maneira, por volta desta época, surgiu a construção do discurso da “vocação natural” da mulher para o magistério. Elas eram dotadas, afirmavam médicos, pais, clero, governantes, de mais coração e ternura, qualidades “naturais” para os professores exercerem sua profissão. No Congresso Internacional de Educação ocorrido em Paris, em 1889, no qual o Brasil contava com dois representantes (um deles o diretor da Escola Normal do Rio de Janeiro, Menezes Vieira) discutiu-se qual a parte que convinha às mulheres no ensino, chegando-se a conclusão de que a aptidão das moças para o ensino de crianças era incontestável, possuíam as mesmas capacidades de ensinar que os homens, mas não eram habilitadas para outros tipos de cargo como o de direção e inspeção de ensino.

De acordo com Louro (1997), na segunda metade do século XX, durante o processo de urbanização, um novo modelo de escola se instituiu aumentando assim a entrada de mulheres nas salas de aula tanto como alunas quanto como professoras. Foi nesse contexto que a profissão docente passou a ser permitido e indicado para mulheres. Conforme ainda o autor, nas escolas normais brasileiras aumentaram consideravelmente o percentual de matrículas femininas e

paralelo a isto ocorreu o abandono das salas de aula pelos homens, o que pode ser relacionado à necessidade de mão de obra na indústria que despontava no país.

Assim, para Louro (1997), as escolas passaram a ter no seu corpo docente profissionais compostos pela maioria de mulheres, por acreditar que estas cumpririam perfeitamente seu papel de mães-educadoras. Conseqüentemente, este ofício que antes era marcado pela presença masculina, se converteu em atividade predominantemente feminina, especialmente nos anos iniciais da educação básica, havendo um distanciamento significativo desta área por parte dos homens. É certo que todos estes perfis e esse processo de transformação estão diretamente relacionados com a questão das relações de gênero presentes na sociedade.

Para Castro (2009) fazer o magistério não foi propriamente uma escolha: o curso normal era a única opção de estudo para as moças da época, como iremos visualizar nas falas das entrevistadas abaixo. Os pais incentivavam o estudo das filhas e esse tinha que ser, necessariamente, nas escolas normais. Além disso, a professora primária era valorizada e era comum haver professoras nas famílias.

Carvalho (1999) aborda uma dimensão simbólica, com a qual podemos entender que a feminização do magistério não se refere única e exclusivamente à presença massiva de mulheres na profissão docente, mas também à associação das práticas, atividades e significados desta profissão ao universo feminino, independente de quem os concretiza. As análises a respeito da feminização do magistério, se não entendermos os sentidos e significados relacionados ao trabalho docente, não conseguiremos caminhar na pesquisa e avançar visando à compreensão da precarização deste tipo de carreira. Não só no campo da educação, mas também em outros, como a literatura, a música e a dança, observa-se ainda a condição de subordinação e repressão das mulheres em relação ao poder masculino, isto até o início do século XX, quando a mulher exercia funções sociais vinculadas ao espaço doméstico, privado.

Foi nesse processo histórico que a mulher, pouco a pouco, profissionalizou-se, e ampliaram-se as possibilidades de participar ativamente de processos identitários. Sendo assim por meio dessas emancipações, as mulheres vêm conseguindo espaço nos mais diversos cargos, que antes eram exercidos pelos homens.

## 2.2 Formação e Exercício Docente

Segundo Almeida (1998) o espaço de formação da profissão docente para a mulher ficou reservado além do estigma do cuidar, a ideia de vitimização e discriminação social dada à mulher símbolo da pureza, religiosidade e sexo neutro o que garantia para a sociedade um modelo exato a ser seguido como profissional. Desse modo, é mais que notório observar que a evolução da profissão docente, a ocupação do espaço da mulher no mercado de trabalho e a expansão da atividade para o universo masculino favoreceu a compreensão, a construção do conhecimento pedagógico, aliado à socialização de experiências e aprendizagens, podendo perceber essa evolução nas relações e interações entre as pluralidades que atravessam a vida das professoras do campo.

Contudo, para analisarmos o relato do exercício docente de professoras do campo, percebemos a necessidade de explicitar o entendimento de prática pedagógica, enquanto cerne do desenvolvimento da prática docente. A começar pelo conceito de prática pedagógica, buscou-se fundamentação na explicitação de Franco (2012, p. 16) ao destacar:

Práticas pedagógicas são práticas sociais que se organizam para dar conta de determinadas expectativas educacionais de um grupo social. Duas questões mostram-se fundamentais: articulação com as expectativas do grupo e existência de um coletivo.

Dessa maneira a prática pedagógica é o planejamento e a sistematização da dinâmica dos processos de aprendizagem até a caminhada em meio a processos que ocorrem para além da aprendizagem, de modo a garantir o ensino de conteúdos e atividades que são considerados fundamentais ao ensino e à aprendizagem. A prática pedagógica deve está coerente com o objetivo a ser alcançado, com cada momento, com cada envolvido, proporcionando enfim a elaboração de práticas docentes favoráveis ao aprendizado.

Essa discussão também teve por base Cruz (2007, p. 192), ao fazer afirmar que: “Falar de prática docente em sala de aula é falar de um saber-fazer do professor repleto de nuances e de significados”. Contudo, o desenvolvimento dessa prática envolve diferentes saberes mobilizados em sala de aula, selecionados pela significação dada pela professora. Nas entrevistas tocamos nos saberes docentes envolvidos na prática de sala de aula e pontuamos as entrevistadas que estávamos referindo ao planejamento, avaliação, planos de aula e procedimentos metodológicos usados por elas para o exercício da docência.

A autora expressa que os saberes pedagógicos são aqueles ligados a todo contexto que envolve a pedagogia, enquanto ciência da educação, enfatizando que ao ter contato com os

saberes sobre a educação, os docentes “[...] podem encontrar instrumentos para se interrogarem e alimentarem suas práticas, confrontando-os. É aí que se produzem saberes pedagógicos, na ação” (PIMENTA, 2000, p.26).

Sobre o saber da experiência, Pimenta (2000) indica que, ao iniciarem sua formação inicial, os alunos já trazem consigo conhecimentos acerca do ofício da profissão que provêm de suas experiências enquanto alunos. A partir das interações vividas com professores nos vários anos de sua caminhada escolar, os futuros docentes são capazes de perceber que de fato detinham conhecimento acerca dos conteúdos das disciplinas.

Nesse sentido, Pimenta (2000, p. 20) argumenta que “o desafio, então, posto aos cursos de formação inicial é o de colaborar no processo de passagem dos alunos de seu ver o professor como aluno ao seu ver-se como professor. Isto é, de construir a sua identidade de professor”. O saber da docência destacado como conhecimento, diz respeito às áreas do conhecimento propriamente ditas, porém, a autora enfatiza que os alunos, futuros professores, devem se apropriar dos conhecimentos teórico científicos, culturais e tecnológicos visando também seu processo de desenvolvimento humano.

Para Nóvoa (1992), ao se falar do processo de formação, está se falando, intrinsecamente, da construção da identidade de um sujeito, que acontece ao longo de sua trajetória pessoal e profissional. A formação de um indivíduo está estreitamente relacionada às suas experiências e relações sociais, indo muito além do período escolar e dos conteúdos de formação. O docente precisa apropriar-se de saberes científicos, mas os saberes pedagógicos são igualmente fundamentais para o exercício competente da docência, de tal modo que ambos os saberes são determinantes na formação de professores.

O docente, ao longo de sua história de vida e de formação, interioriza conhecimentos, competências, crenças e valores que estruturam a sua personalidade e as suas ações. De fato, é nesse tempo que o eu pessoa no papel de professor vai desenrolando sua vida profissional e tornando-se um profissional (TARDIF, 2002).

Nóvoa (1992) afirma que o ser humano ao longo de sua história se forma e se transforma em interação com outros. Assim, compreender como uma pessoa, em especial o professor, formou-se é encontrar relações entre a pluralidade de suas trocas e vivências internas ou externas nos diversos momentos de sua vida.

De acordo com Pimenta (2002), a identidade profissional do professor é construída, dinâmica e constantemente, pelo significado que cada professor confere à sua atividade. Esse significado deriva dos seus valores, de seu modo de se situar no mundo, de sua história de vida,

das representações, dos saberes, das angústias, dos desejos e, é claro, do sentido que tem em sua vida o fato de ser professor.

Segundo Pimenta e Ghedin (2005) o saber docente não é formado apenas da prática, sendo também nutrido pelas teorias da educação. Dessa maneira, a teoria tem importância fundamental na formação dos docentes, pois dota os sujeitos de variados pontos de vista, oferecendo perspectivas de análise para que os professores compreendam os diversos contextos vivenciados por eles.

Os saberes teóricos propositivos se articulam, pois, aos saberes da prática, ao mesmo tempo ressignificando-se e sendo por eles ressignificados. O papel da teoria é oferecer aos professores perspectivas de análises para compreender os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais, e de si mesmos como profissionais, nos quais se dá sua atividade docente, para neles intervir, transformando-os. Daí é fundamental o permanente exercício da crítica das condições materiais nas quais o ensino ocorre. (PIMENTA; GHEDIN, 2005, p. 26)

É neste contexto que as pesquisas sobre a prática estão anunciando novas perspectivas, e Pimenta (1996) busca a reflexão sobre a necessidade do domínio e também da interação entre estes saberes para o desenvolvimento de uma prática pedagógica autônoma e emancipatória. Pimenta (2000) ainda esclarece que é por meio de um movimento de articulação entre os saberes que os professores podem se tornar capazes de perceber as peculiaridades de sua atividade profissional e com base nisso reconfigurarem suas formas de saber-fazer docente de modo sistemático, dinâmico e contínuo. A autora usa como referência a expressão saberes da docência definindo três categorias: os saberes pedagógicos, a experiência e o conhecimento.

Como vimos nos estudos de Pimenta (1996, 2000, 2002, 2005) a formação do professor não se deve abster apenas à inicial, mas sim num processo contínuo. O professor necessita mais que urgentemente saber conciliar os três pilares fundamentais dos saberes docentes para que tenham um bom êxito em seu magistério, além de ter a prática e o hábito de estar sempre fazendo uma reflexão sobre sua prática de ensino, de seus métodos, de sua avaliação, procurando sempre se adaptar ou se enquadrar ao atual contexto vivenciado pela sociedade.

### **3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS**

A pesquisa foi realizada no município de Sussuapara, Piauí, e tem a História Oral como procedimento metodológico, com a realização de entrevistas, como instrumento de produção dos dados. Para a realização da presente pesquisa, também realizamos uma revisão bibliográfica através da leitura e fichamento de textos que fundamentam o tema discutido. Buscamos, ainda,

informações por meio de documentos de arquivos particulares (diploma, fotos e entrevistas), no intuito de enriquecer o trabalho.

Com base no referencial teórico-metodológico, o estudo também está fundamentado na História Oral, concebida por Freitas (2006, p.18) como “um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana”. Segundo a autora, a História Oral é o método mais adequado para abordar a “narrativa da experiência humana” que por meio de recursos eletrônicos esse método se torna fonte e técnica na produção de conhecimentos. A História Oral além de um método pode ser vista como um meio de criar fontes, pois:

[...] a História Oral tem como principal finalidade criar fontes históricas. Portanto, essa documentação deve ser armazenada, conservada, e sua abordagem inicial deve partir do estabelecimento preciso dos objetos da pesquisa. (FREITAS, 2006, p.19).

Podemos também entender o que é História Oral por meio dos estudos de Delgado (2006) o conceitua como um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões.

Meihy e Ribeiro (2011, p. 12) complementa esse raciocínio ao afirmar que, “a história oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com a definição de um grupo de pessoas a serem entrevistadas”. A entrevista em História Oral trabalha em estreita relação com a memória dos entrevistados.

A pesquisa contou com a participação de duas professoras, que atuaram nas escolas municipais de Sussuapara, nos anos de 1986 a 2018. O critério para a seleção das participantes foi por se tratar das duas professoras mais antigas do município, por entender que podem trazer um volume maior de informações sobre a história do magistério local. O instrumento para a coleta de dados foi a realização de entrevistas com as duas participantes, com o auxílio de gravador de voz, orientada por um roteiro de entrevista. A autorização das participantes para utilização de seus relatos e imagens, deu-se por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A).

Meihy e Holanda (2014, p. 14) abordam que a “entrevista em história oral é a manifestação do que se convencionou chamar de documentação oral”. É o registro das fontes orais, isto é, realizamos entrevistas com base no roteiro previamente elaborado e após produção dos dados fizemos a organização e análise dos mesmos.

Desse modo, para articular a pesquisa com base na metodologia da História Oral, é importante entender dentro desse método o conceito de Memória, este entendimento se justifica segundo Freitas (2006) porque a História Oral tem como suporte as lembranças, evidenciando uma memória coletiva, essa é uma somatória de experiências individuais, passíveis de serem utilizadas como fontes históricas.

A respeito da memória coletiva, Bosi (1994) afirma que essa memória se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais e entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, corrige e passa a limpo, pois vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação. Entretanto a autora ressalta que “por mais que se deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum. (BOSI, 1994, p.411).

Utilizando-se da História Oral por meio de entrevistas, considerou-se também a importância das histórias de vida, uma vez que, estas desabrocharão na medida em que os relatos foram se constituindo como fontes, assim:

Numa história de vida podem ser identificadas as rupturas e as continuidades, as coincidências no tempo e no espaço, “as transferências” de preocupações e de interesses, os quadros de referência presentes nos vários espaços do cotidiano. (JUCÁ, 2001, p. 22).

Levando em conta o debate empreendido em torno da História Oral como uma possibilidade que pode ser utilizada não somente como um método, mas também como uma fonte de pesquisa e diante dos demais métodos apontados, espera-se que possamos adquirir dados que nos auxiliem na construção da pesquisa e colaborem para atender os objetivos que desejamos alcançar.

Para realização da análise dos dados, recorreremos à escuta do áudio das entrevistas, por intermédio da transcrição dos relatos. Então, de posse dessa transcrição foi iniciada a leitura repetidas vezes para selecionar os fragmentos que iam compor a seção de análise, bem como foi possível interpretar, discutir e analisar as narrativas das participantes.

#### **4 ANÁLISE DA HISTÓRIA E MEMÓRIA DAS PROFESSORAS**

Esta seção se concentra na análise dos dados produzidos, por intermédio do relato das professoras, mediante a apresentação de sua história de vida e do exercício da docência. A seguir apresentamos as categorias de análise emergidas dos dados da pesquisa, em consonância com os objetivos de investigação.

Conhecer a história de vida de professores é uma oportunidade para registrar a História e Memória do Exercício Docente das mesmas, além de conhecer as estratégias de ensino, ingresso na profissão, sua escolaridade, a época que iniciou suas atividades, suas dificuldades com a mudança do sistema, suas lutas diárias para manter o sustento familiar e garantir sua continuação nessa profissão. Sendo assim, veremos a seguir as entrevistas e análises das narrativas de duas interlocutoras e professoras do Campo do Município de Sussuapara.

#### **4.1 Histórias de Vida e o Ingresso na Profissão Docente**

A Professora Maria das Neves Moura (Foto 1), interlocutora desta pesquisa, mais conhecida na região como Marizinha, nasceu em 05 de agosto de 1956, em Picos-PI e mora no bairro Tamboril II, em Sussuapara-PI. Casou-se no ano de 1972 e teve quatro filhos. Sua contribuição como docente foi de grande importância para a população, pois, segundo seus relatos, dedicou sua vida a profissão, árdua e cansativa, fazendo dela sua forma de sobrevivência. No entanto, a mesma relatou que a exercia com muito carinho, por ter sido uma escolha dela, atuando de 1986 a 2012 (26 anos de magistério).

Foto 1: Professora Maria das Neves Moura



Fonte: autoria própria, 2019.

A Professora Maria Alzenir de Moura Costa Veloso (Foto 2), também interlocutora desta pesquisa, nasceu em São João de Canabrava a 20 de maio de 1967. Reside no bairro Tamboril I, na cidade de Sussuapara- PI. Casou-se em 1987, tendo quatro filhas. Diferente do relato da professora apresentada anteriormente, revelou que não escolheu ser professora, mas depois que foi convidada, se sentiu agraciada com o exercício docente, ainda relatou que se

sentia preparada, por isso aceitou o cargo. Atuou como docente dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Exerceu sua profissão no período de 1989 a 2018. (29 anos de magistério).

Foto 2: Professora Maria Alzenir de Moura Costa Veloso



Fonte: autoria própria, 2019.

Buscamos investigar as histórias de vida dessas primeiras professoras do Município de Sussuapara, por compreender que suas narrativas são fontes de pesquisa que permitem analisar o processo de escolarização do município, vindo a reconhecer os limites que permearam esse contexto. A escolha pelas duas docentes se deu porque foram minhas professoras na infância. A seguir temos os relatos das docentes sobre porque escolheram ser professoras:

Ah! Essa pergunta é muito importante para mim, porque, desde criança que eu já pensava em ser professora. Quando eu comecei a entender o mundo eu já via como uma sala de aula para mim. Eu arrumava livros, papel, juntava as crianças, conversava com elas e para mim o sonho da minha vida era ser professora. (Professora Maria das Neves Moura, 2019)

Eu não escolhi ser professora, não. Terminei a Escola Normal, quando eu terminei, naquele tempo só era isso. Então quando eu terminei a Escola Normal [...] me deram, foram em casa e me ofereceram esse trabalho, como eu estava preparada para assumir, eu assumi. Depois que eu gostei, gostei muito da profissão. Mas não foi tipo assim “eu estou me formando pra mim ser uma professora, não sabia justamente que eu ia ser professora não”. Foi o caso de terminar e aí já me deram, tipo uma indicação, ou seja, me convidaram para ser professora e eu aceitei e gostei muito da profissão. Mas eu não escolhi ser professora não, mas [...], mas gostei, é muito gratificante (Professora Maria Alzenir de Moura Costa Veloso, 2019).

Diante dos relatos das professoras notamos que motivos diferentes contribuíram para o ingresso dessas mulheres na profissão docente. Professora Moura tinha um sonho de ser docente desde criança e isso foi fundamental na sua escolha. No entanto, Professora Veloso não tinha esse desejo, ser professora não foi propriamente uma escolha. O curso normal, expresso pelo diploma na (Foto 3), era a única opção de estudo para as moças da época.

Foto 3: Certificado Escola Normal Maria Alzenir.

REPUBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Piauí  
UNIDADE DA FEDERAÇÃO

Escola Normal Oficial de Picos  
NOME DO ESTABELECIMENTO DE ENSINO

Rua São Sebastião s/n  
ENDEREÇO COMPLETO

Governo do Estado  
NOME DA ENTIDADE MANTENEDORA

Decreto Nº 5.305, de 17/01/83 Governo do Estado e Parecer Nº CEB 002/85 de 22/01/85  
ATO, N. DATA, ORGÃO DO PODER PÚBLICO QUE AUTORIZOU OU RECONHEceu O FUNCIONAMENTO DO ESTABELECIMENTO

O DIRETOR: Da Escola Normal Oficial de Picos

CONFERE A: Maria Alzenir de Moura Costa Veloso

FILHA DE: Antonio João da Costa E DE Isabel Antonia de Moura Costa

NATURAL DE: Picos UNIDADE DA FEDERAÇÃO Piauí

NASCIDA EM: 20 DE maio DE 1.967, O PRESENTE Diploma POR HAVER CONCLUÍDO EM 31 DE março DE 1989, Curso de Habilitação Profissional do 2º Grau para o exercício do Magistério de 1º Grau DO ENSINO DE 2º GRAU.

TÍTULO PROFISSIONAL CONFERIDO: Habilitação do 2º Grau para o exercício do Magistério de 1º Grau da 1ª a 4ª Série

FUNDAMENTAÇÃO LEGAL: De acordo com os artigos 30, alínea a, e 16, combinados com os artigos 4º e 6º da Lei Nº 5.692 de 11 de agosto de 1971.

Picos 08 DE janeiro DE 1991.

Francisco Lopes Mascarel Neto  
Diretor - ATP Nº 144090

Vera Lúcia Maria  
Secretária - ATP Nº 102489

Maria Alzenir de Moura Costa Veloso  
TÍTULO DO DIPLOMADO(A)

Fonte: Documento do arquivo pessoal da Professora Veloso.

Os pais incentivavam o estudo das filhas e esse tinha que ser, necessariamente, nas escolas normais. Além disso, a professora primária era valorizada e era comum haver professoras nas famílias. Assim, Professora Veloso por fazer a Escola Normal encontrou a oportunidade de lecionar e assim sentiu-se capacitada. Desse modo, notamos nessas narrativas que, o que une essas docentes são o amor a profissão, uma um sonho desde criança e a outra a partir da vivência em sala de aula.

Na visão de Louro (1997), a premissa de que a docência seria essencialmente feminina é explicada a partir de algumas transformações ocorridas na segunda metade do século XIX que acentuou a participação da mulher na docência.

Talvez mais adequado seria entender que, naquele momento, um processo de urbanização estava em curso, no interior do qual — além da presença de outros grupos sociais, como os imigrantes, de outras expectativas e práticas educativas e de outras oportunidades de trabalho — um novo estatuto de escola se instituía. O magistério se tornará, neste contexto, uma atividade permitida e, após muitas polêmicas, indicada para mulheres, na medida em que a própria atividade passa por um processo de ressignificação; ou seja, o magistério será representado de um modo novo na medida em que se feminiza e para que possa, de fato, se feminizar. (LOURO, 1997, p. 95)

Assim, Louro (1997) afirma que a feminização do magistério foi um plano das classes dominantes. Tanto as classes dirigentes quanto as próprias mulheres se encontravam divididas face à entrada delas nesta profissão, por isso não foi nem um favor diante da pressão, nem uma estratégia vitoriosa das classes dominantes. Não houve uma decisão taxativa de que as mulheres entrariam na docência, houve uma associação de representações de aptidões necessárias para exercer o trabalho, políticas, necessidade de mais docentes, baixos salários, surgimento de outros trabalhos aos homens, entre outros, que fizeram com que os discursos começassem a circular com maior frequência.

Esses fatores contribuíram para a entrada das mulheres no mundo educacional e foram de valor significativo na luta feminina para a construção de uma carreira profissional. Foi através de lutas que as mesmas conseguiram adentrar no Magistério. Portanto, “A história do magistério primário feminino brasileiro é, principalmente, uma história de mulheres, de uma força invisível que lutou consciente e espontaneamente em defesa de suas crenças e de sua vontade. [...]” (ALMEIDA, 1998, p. 77).

Nas palavras de Tardif (2002, p. 29), durante muito tempo “profissão de professor foi vista como algo meramente vocacional”. O autor ainda descreve que um ofício com um viés sacerdotal leigo ou mesmo um dom, razão por que era entendida como uma tarefa relativamente simples, sem a necessidade de maiores aprimoramentos no que diz respeito à formação e ao adequado exercício profissional. No entanto, mesmo já existindo há muito tempo, nem sempre foi considerada como uma profissão, sendo inicialmente vista como vocação, para a qual não era necessária formação. É necessário a necessidade e formação e valorização da profissão.

Acerca do processo de ingresso na rede Municipal de Ensino de Sussuapara-PI, as professoras relataram esse episódio como um fato marcante, tanto pela oportunidade de emprego, quanto por ser uma profissão gratificante.

Ingressei no dia 1º de Abril de 1986. O acontecimento mais importante foi no dia que chegou um gestor aqui e falou pra mim se eu queria assumir uma sala de aula. Eu não pensei duas vezes para a resposta “sim”, porque, além de gostar, precisava e achava que o meu sonho era realizar um trabalho na sala de aula. Toda a vida eu pensava e gostava, nunca esqueci esse momento que foi muito gratificante para mim, eu via uma sala de aula pra mim um espaço prazeroso. (Professora Maria das Neves Moura, 2019)

Ingressei na Rede Municipal de Ensino em 1º de março de 1989. Assim eu comecei trabalhando e aí vieram convidar pra eu trabalhar [...]. Eu estava disponível e tinha o curso completo. O ensino Pedagógico completo, aí eu trabalhei, gostei de trabalhar e até ano passado eu trabalhei na escola. Até eu me dava muito bem na profissão de professora, as vezes tinha algumas coisinhas, mas é muito bom, gratificante. Eu achei muito gratificante a profissão de professora. (Professora Maria Alzenir de Moura Costa Veloso, 2019)

Observou-se nesta categoria que os relatos foram unânimes em destacar que o gestor do município indicou essas professoras a este cargo. Isso era bastante comum até os dias atuais. De acordo com Castro (2009) o ingresso no magistério se dava através da indicação de políticos, de professores das escolas normais ou de diretores das escolas, onde as alunas faziam estágio. É interessante observar que as indicações por políticos eram mais frequentes em cidades do interior, onde a interferência da política partidária na vida das pessoas era maior, conforme foi observado na fala das docentes. Só mais tarde começaram a haver concursos para o magistério público.

#### **4.2 Prática Docente: Limites no Ensino**

Conforme os estudos de Nóvoa (1992, p. 9), “[...] hoje sabemos que não é possível separar o eu pessoal do eu profissional, sobretudo numa profissão tão impregnada de valores e ideais e muito exigente do ponto de vista do empenhamento da relação humana”. Percebemos na perspectiva apresentada pelo autor que as histórias individuais refletem nas histórias coletivas, portanto a história de vida propicia analisar o processo de constituição da identidade profissional de modo a compreendê-la e analisar suas peculiaridades no âmbito educacional, como aponta Nóvoa (1992, p. 16):

A identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. É mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e diz professor.

Valorizando as histórias singulares e buscando nelas os traços marcantes da profissionalidade da professora, tivemos oportunidade de refletir sobre a profissão docente ontem e hoje. Nesse sentido, através da reconstrução das trajetórias das professoras, nos propusemos rever as mudanças ocorridas na trajetória docente.

Houve, houve mudança sim de quando eu comecei a trabalhar pra quando eu parei. Eu encontrei mudança: primeiro a mudança que eu achei assim, mais difícil foi a do sistema, porque antes o aluno ele só passava de ano se ele soubesse ler, escrever, contar, enfim só se dava a nota se soubesse mesmo. Depois veio o sistema, que já no caso da idade do aluno tinha que acompanhar. O aluno não podia ficar reprovado, devido a idade, a escolaridade dele, tinha que dar nota pra ele de qualquer forma, a gente tinha que fazer trabalho, aí eu encontrei dificuldade, por que eu achava que ele tinha mesmo era que conhecer e não só passar de ano. Aí a mudança que eu encontrei foi a do sistema. (Professora das Neves Moura, 2019)

Houve, houve muita mudança nas dinâmicas das aulas. Antigamente você dava um conteúdo e os alunos ficavam ali, assim antes quando eu comecei e hoje não, eu já dava o conteúdo e botava alguma coisa para ele explicar, sabe [...]. Tipo seminário de plantas caseiras, como por exemplo na aula de ciências eu os mandava trazer a plantinha de casa e já eles iam explicar para que servia cada plantazinha. Então já era diferente, hoje era bem diferente do que naquele tempo. Naquele tempo o professor explicava e o aluno tinha que ouvir, as cadeiras naquele tempo era em filinha e hoje era feito círculo, a gente já chegava e fazia o círculo para dar aula. (Professora Maria Alzenir de Moura Costa Veloso, 2019)

Diante das narrativas, podemos destacar que a Professora Moura não aprovou a recomendação que as escolas devem deixar de reprovar os alunos. Isso, conforme seu relato, foi uma mudança negativa, pois antigamente o aluno só passava se ele soubesse realmente ler, escrever, contar. Já a fala da Professora Veloso revela a mudança de comportamento por parte do aluno que antes depositavam total atenção ao professor, o que predominava no ensino era o respeito, ou obediência, e a disciplina.

No tocante à pergunta como as docentes desenvolviam sua prática e atividades em sala de aula, obteve-se como resposta:

Trabalhava várias formas, com atividades diferentes: naquela época a gente trabalhava mais era soletrando as sílabas, ensinava os alunos a soletrar, sendo possível para formar as palavrinhas, então soletrava sílaba, fazia redinha de sílaba, gostava também de fazer muita leitura, cópia, ditado e mandava tarefa pra casa. No caso muita pintura, desenho, trabalhando os números. Quando terminava o ano meus alunos quase todos já sabiam ler, escrever e já sabia fazer as quatro operações. (Professora Maria das Neves Moura, 2019)

Era bem [...], era assim, tipo assim: eu explicava o conteúdo, escrevia o conteúdo. Naquele tempo, mais antigo, sabe [...], explicava o conteúdo, escrevia ele, que naquele tempo era o quadro que a gente chamava de quadro

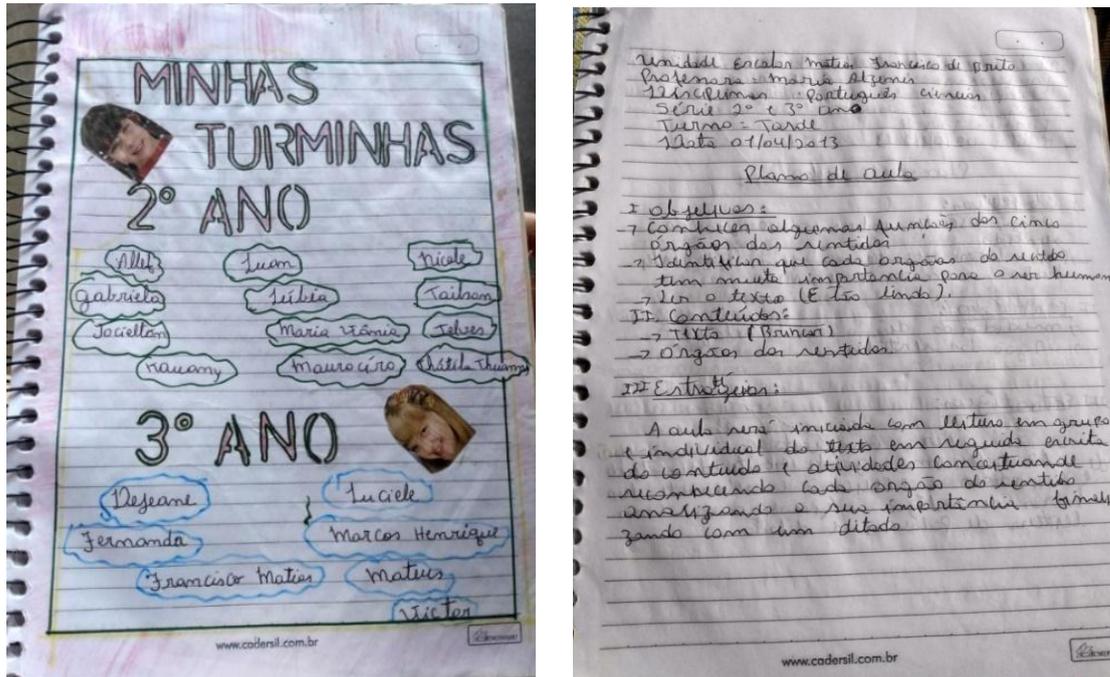
negro, com giz e depois no quadro mesmo fazia as atividades e cada alunozinho tinha seu caderno. Fazia as atividades daquele conteúdo e era assim que eu fazia. [...] Assim, agora já levava o nome de uma fruta, por exemplo: abacaxi, aí vamos estudar as famílias que formam a palavra abacaxi, aí eles diziam agora vamos formar palavrinhas com as famílias estudadas, aí eles iam no quadro e descobria a palavrinha e já escrevia no quadro também. Era uma forma bem dinâmica para eles, iam descobrir a palavra e lá, eles já escreviam também a palavra. Eu desenvolvi muita coisa, levava dominó com as sílabas, fazia também bingo de palavras, aí levava os bombons na sexta-feira eu fazia bingo de palavras, aí cada um pegava uma cartelinha com um nominho, por exemplo: gato, cachorro, pato, lua [...] quatro palavrinhas, aí eu botava num dentro do envelope e ia chamando quem tem a palavra abacaxi, eles iam lá e olhavam, ai se tivesse eles colocava o carocinho de milho e quem ganhasse, ganhava um bombom [...]. (Professora Maria Alzenir de Moura Costa Veloso, 2019)

Através da narrativa das professoras em relação a metodologia utilizada na sala de aula, observa-se que o papel do professor era repassar os conhecimentos tanto das quatro operações, como também alfabetizá-los. No entanto, as docentes, de acordo com seus relatos, não se limitavam a mera reprodução dos conhecimentos elas tentavam dinamizar suas aulas, incentivando o gosto pela leitura e números, dando oportunidade para aprofundamento e desenvolvimento dos hábitos de leitura e cálculos, através de atividades lúdicas para uma melhor compreensão e absorção dos conteúdos pelos alunos. Nesse sentido, sabemos que:

O ensino, atividade característica do professor, é uma prática social complexa, carregada de conflitos de valor e que exige opções éticas e políticas. Ser professor requer saberes e conhecimentos científicos, pedagógicos, educacionais, sensibilidade da experiência, indagação teórica e criatividade para fazer frente às situações únicas, ambíguas, incertas, conflitivas e, por vezes, violentas, das situações de ensino, nos contextos escolares e não escolares. É da natureza da atividade docente proceder à mediação reflexiva e crítica entre as transformações sociais concretas e a formação humana dos alunos, questionando os modos de pensar, sentir, agir e de produzir e distribuir conhecimentos na sociedade (FRANCO, 2012, p. 15).

A Professora Veloso guarda em meio aos seus papéis um caderno no qual fazia suas escritas de aulas mediadas pela mesma, os conteúdos e todos os planejamentos, os quais faziam parte do seu cotidiano profissional (Foto 4). Tendo em vista que são necessárias essas anotações para obter um maior desempenho no processo de ensino-aprendizagem.

Fotos 4: Caderno de planejamento



Fonte: Arquivo pessoal da interlocutora, 2019.

Frente aos novos desafios que o educador encontra nos dias atuais, é necessária uma nova forma de educar e de definir o seu papel de mediador do processo de ensino-aprendizagem. É preciso que sejam desenvolvidas novas competências, novas abordagens, novos referenciais, são necessárias novas ferramentas para que seja um profissional autônomo, agente de mudança e capaz de refletir sobre sua prática.

Por terem exercido a docência em outro tempo e espaço social, as professoras, na construção de sua identidade profissional, enfrentaram dificuldades no início da carreira quando confrontam com a realidade da educação de hoje.

[Risos]. As principais dificuldades que encontrei é quando a gente encontra um aluno desmotivado, a gente se sente muito preocupado, porque muitos pais levam em conta e acham que a culpa é do professor. E aí o professor faz tudo pra ver se dá conta de motivar ele, de levar de uma forma, ou de outra. Aí a dificuldade que eu me preocupei mais foi isso, era quando eu encontrava aluno dessa forma que não queria, aí a gente ficava [...], mas tudo dava certo. Conversava com os pais, conversava com o aluno, naquela época era tudo mais fácil de se resolver. (Professora Maria das Neves Moura, 2019)

Muitas vezes era a falta de material didático, sabe [...], tinha alguns problemazinhos com a falta de matéria didático e a gente tinha que ir buscar alguns conteúdos. Hoje agente busca na internet, mas antigamente era através de livros, tinha que procurar livros que tinham os conteúdos. A gente recebia os planejamentos e às vezes não tinha aquele livro em casa, aí a gente tinha que ir buscar para encontrar os conteúdos adequados. (Professora Maria Alzenir de Moura Costa Veloso, 2019)

Sobre essas mudanças na educação e no processo educacional, que convergem sempre na necessidade constante de atualização do professor, é importante compreendermos que as mudanças de paradigma não ocorrem de forma espontânea, e muito menos de maneira rápida. Ao longo das últimas décadas temos vivenciado inúmeras alterações realizadas no campo da educação, seja pela via das reformas, orientadas pela criação de novas leis, parâmetros, orientações e diretrizes, que buscam organizar, padronizar e democratizar o ensino em nosso país. Porém, estas mudanças só são possíveis, ou apenas são efetivadas, pela vontade dos sujeitos que participam deste processo. Sendo assim:

Não nos iludamos: a prática não muda por decretos; não muda pela vontade expressa de alguns; não muda pela mera imposição de novas políticas educacionais. Ela muda quando pode mudar, quando quer mudar, quando seus protagonistas sentem e percebem a necessidade de mudanças (FRANCO, 2012, p. 215).

Portanto, é preciso ultrapassar certos modelos que privilegiam o ensino simbólico, apropriar-se de novos conceitos, de uma formação mais flexível em sala de aula. Ultimamente, a formação do professorado precisa centrar-se em mudar a ideia que se fazia de professor aplicador de métodos e técnicas. As mudanças no contexto escolar e social requerem profissionais atualizados e competentes, que estejam preparados para atuar com diferentes problemas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta pesquisa permitiu reconhecer nas histórias de vida de duas professoras que atuaram em uma escola do campo de Sussuapara/Piauí, como se deu a iniciação na profissão docente e oportunizou às interlocutoras a narrativa sobre o exercício docente, permitindo para a pesquisa um registro da história oral de cada participante.

Objetivando investigar a história e memória das professoras do campo no Município de Sussuapara/Piauí, sobre o exercício da docência, foram produzidos dados por meio de entrevistas para chegar ao entendimento sobre as práticas docentes desenvolvidas antigamente pelas professoras, suas dificuldades e diante do mesmo foi possível observar vários pontos como: desafios ao longo da trajetória profissional, adequações à prática docente e seus interesses pessoais, consistindo no sustento familiar. Foi possível observar que no passado a maioria dessas profissionais em educação eram escolhidas por indicação política, sem que houvesse uma seleção, teste ou concurso para contratação de professores.

Todas as informações produzidas e o interesse na busca de verificar as metodologias desenvolvidas no exercício docente foram de suma importância para a escrita deste trabalho e para assim conhecermos um pequeno recorte da luta de inúmeras mulheres que vivem no núcleo rural que, assim como as interlocutoras desta pesquisa, encontram dificuldades na formação profissional, devido à falta de oferta de cursos e/ou a falta de uma variedade de possibilidades formativas, para além da docência. Certamente nos ajuda a entender um pouco melhor os problemas vivenciados por elas no exercício de sua profissão e no seu espaço. A busca por satisfação pessoal, melhoria de qualidade de vida para seu meio e sua família de pertencentes ao gênero feminino, não acontece sem o enfretamento a discursos preconceituosos que a sociedade veicula como sendo a obrigação da mulher apenas o cuidado com o lar.

A partir dos relatos, constatamos que a constituição da identidade profissional das professoras foi sendo construída ao longo da trajetória pessoal e profissional passando por mudanças no percurso histórico do exercício docente. Com esta pesquisa as interlocutoras puderam refletir sobre as mudanças ocorridas na sua prática docentes, tomando consciência até mesmo sobre o ingresso na profissão.

Portanto, pesquisar a história de vida e de carreira de professores é um modo de dar voz para que se expressem e proporcionar aos professores subsídios para que entendam sua identidade profissional. Possibilita, desta maneira, estudar como constroem seus saberes profissionais, tentando identificar aspectos da formação docente que capacitem os profissionais na educação e ajudem a maximizar suas potencialidades.

A elaboração da pesquisa permitiu que o registro da História, vivenciadas pelas professoras não se percam ao longo do tempo e para que futuramente possa servir como fonte de pesquisa para outros trabalhos que virão.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. S. de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo. UNESP. 1998.
- BERGER, M. **Educação e Dependência**. 4º Ed. São Paulo: Difel, 1984.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. Lei de 15 de outubro de 1827. **Manda criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e lugares mais populosos do Império**. Rio de Janeiro, 1827.
- CARVALHO, M. P. de. (1999). **No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais**. São Paulo: Xamã.
- CASTRO, M. de. **Memórias e trajetórias docentes: os bastidores de uma pesquisa**. 2009. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2009/10/Documento1.pdf>. Acesso: 20 de Agosto de 2019.
- CRUZ, G. B. da. A prática docente no contexto da sala de aula frente às reformas curriculares. **Educar**. Editora UFPR. n. 29, p. 191-205, 2007 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n29/13.pdf>. Acesso 29 de set 2019.
- DELGADO, L. A. N. História oral, memória, identidades. In: **História oral, memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FRANCO, M. A. S. **Pedagogia e prática docente**. São Paulo: Cortez, 2012.
- FREITAS, S. M de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2006.
- JUCÁ, G. N. M. As trilhas opcionais nos caminhos da história. In: VASCONCELOS, José Gerardo et al.(Org.).**Memórias no plural**. Fortaleza: LCR,2001.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- LOURO, G. L. **Gênero e magistério: identidade, história e representação**. In: CATTANI, Denise et al. (Org.). **Docência, memória e gênero. Estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras, 1997.
- MEIHY, J. C. S. B; HOLANDA, F. **História Oral: Como fazer, como pensar**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MEIHY, J. C. S. B; RIBEIRO, S. L. S. **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

MONTEIRO, A. M. F. C. Professores: entre saberes práticas. *Educação & Sociedade*, ano XXII, nº 74, Abril/2001.

NÓVOA, A. O passado e o presente dos professores. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Profissão professor**. 2 ed. Lisboa: Porto, 1992. p. 13-34. Cap. 1.

NORA, P. Entre Memória e História – a problemática dos lugares. In: **Projeto História** – Revista do Programa de Pós-Graduados em História e do Departamento de História – PUC/SP. São Paulo, n. 10, dez/1993.

PESAVENTO, S. J. **História e História Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PIMENTA, S.G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 2000.

\_\_\_\_\_. **Formação de professores**: saberes da docência e identidade do professor. *Revista da Faculdade de Educação, USP*, v. 1. n. 1, p.72-89, jul/dez.1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas**. São Paulo: Cortez. 2002.

PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Org.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

### **Fontes orais**

Moura, M. N. **Entrevista concedida** Elba de Moura Veloso. Comunidade Tamboril II, município de Sussuapara-PI, 08/08 /2019, transcrita e digitada, 2019.

Veloso, M. A. M. C. **Entrevista concedida** Elba de Moura Veloso. Comunidade Tamboril I, município de Sussuapara-PI, 08 /08 /2019, transcrita e digitada, 2019.

## APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ CAMPUS SENADOR HELVIDIO NUNES DE BARROS CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO/ CIÊNCIAS DA NATUREZA

Prezado (a),

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa que tem como objetivo pesquisar a história e memória de professoras do campo de Sussuapara-PI. Antes de concordar em participar desta pesquisa é importante que compreenda as informações contidas neste documento. Assim sendo, leia cuidadosamente o que se segue e, em caso de dúvidas, pergunte ao responsável pelo referido projeto de investigação científica proposto.

#### **1 – Esclarecimentos sobre a pesquisa**

**Título do projeto:** História e Memória do Exercício Docente de Mulheres do Campo do Município de Sussuapara-PI

**Instituição:** Universidade Federal do Piauí - UFPI

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Sara Lopes Melo

**Graduando:** Elba de Moura Veloso

**Contato:**(89) 98813-4052

#### **2 – Descrição da pesquisa**

A pesquisa está vinculada à Universidade Federal do Piauí – UFPI, Partimos do pressuposto de que descrever sobre as práticas docentes de antigas profissionais da educação de Sussuapara, que contribuirá para um registro de grande importância para o município, sendo esse o primeiro trabalho descrito. A referida pesquisa configura-se para esse local, como uma oportunidade de deixar registrada essa história relacionada às professoras do campo, até então desconhecida pela comunidade. Nessa perspectiva a pesquisa tendo como instrumento de produção de dados o registro fotográfico e a entrevista através de um roteiro semiestruturado, que servirão de material para descrever o trabalho.

Os referidos instrumentos de pesquisa irão guardar o registro de história e memória sobre as professoras do campo de Sussuapara. Para os registros das informações utilizaremos como recurso a gravação em áudio (gravador) no desenvolvimento das entrevistas, através de um roteiro de perguntas, conforme o consentimento dos participantes, de modo a auxiliar no

registro dos dados pelo pesquisador. As informações obtidas durante a pesquisa serão utilizadas em um TCC, para fins unicamente acadêmicos.

Em suma, esta pesquisa não acarretará nenhum custo a Universidade Federal do Piauí, bem como ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, do *campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, *locus* da pesquisa e nem aos professores (interlocutores da pesquisa), como também nenhum dano moral ou físico, nenhum constrangimento pessoal e coletivo, nem mesmo institucional, pois trata-se de um trabalho assegurado por princípios éticos estabelecidos pela Universidade Federal do Piauí, a fim de resguardar o participante de qualquer dano que possam vir a sofrer. Com a presente pesquisa não existe a intenção de comercialização ou auferimento de lucros.

Após ser esclarecida sobre as informações implicações da participação como interlocutor (a) neste estudo, caso aceite fazer parte da pesquisa, assine este documento impresso em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.

### **3 – Consentimento da participação da instituição**

Eu \_\_\_\_\_ CPF nº \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar da referida pesquisa como interlocutor, respondendo às técnicas de produção de dados elencadas anteriormente, com as devidas orientações e que serão fundamentais para alcançar os objetivos da pesquisa. Declaro, ainda, que autorizo minha identificação, uso das imagens e das entrevistas na exposição itinerante e publicações acadêmicas.

Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem utilizados e as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.

Pios-PI, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do interlocutor (a) na pesquisa **NOME/CPF**

## **APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA**

### **MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS - CSHNB CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO CIÊNCIAS DA NATUREZA**

#### **1. Identificação do Entrevistado:**

Idade -

Sexo –

Estado Civil -

Tempo de serviço –

2. Por que você escolheu ser professora.

3. Relate sobre um acontecimento importante na sua vida, como se deu o ingresso na Rede Municipal de Ensino, e permanência na profissão.

4. Relate sobre a relação entre a vida pessoal e a vida profissional e relação com os colegas de profissão na unidade de ensino e rede municipal em geral.

5. Quando ingressou na Rede Municipal de Ensino.

6. Relate como você desenvolvia sua prática e atividades em sala de aula.

7. Relate as principais dificuldades encontradas no exercício da sua profissão.

8. Relate sobre mudanças ocorridas na sua trajetória docente. Ex. houve mudanças nas dinâmicas das aulas.

10. Relate sobre o investimento pessoal que reflita na vida profissional, formação continuada, jornada de trabalho. Exemplo: Que formação e/ou cursos você possui?

11. Relate algum episódio(s) ocorrido em sala de aula que tenha ficado/marcado a sua memória.

12. Expressão livre para o entrevistado acrescentar algo que julgue necessário que não tenha sido abordado.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO, CIÊNCIAS DA NATUREZA

Rua Cleonir Duarte, 905 - Bairro Junco, CEP 64.607-670, Picos - PI  
Telefone: (89) 2422-2082 - e-mail: coordenacaoprocampopicos@ufpi.edu.br

**ATA DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Aos seis dias do mês de novembro de dois mil e dezenove, na sala 824 na Universidade Federal de Piauí, *campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, foi realizada a apresentação pública do Trabalho de Conclusão de Curso do(a) aluno(a) **Elba de Moura Veloso**, intitulado **"HISTÓRIA E MEMÓRIA DO EXERCÍCIO DOCENTE DE PROFESSORAS DO CAMPO DE SUSSUAPARA-PI"**, os trabalhos foram iniciados às 09 h 10 min, pelo(a) professor(a) orientador(a) do Trabalho de Conclusão de Curso, **Profa. Dra. Patrícia Sara Lopes Melo**, presidente da banca examinadora, também constituída pelos(as) seguintes professores(as), **Prof. Dr. Gardner de Andrade Arrais** e **Prof. Me. Jânio Ribeiro dos Santos**. A banca examinadora, após a defesa do(a) acadêmico(a), passou à arguição e comentários. Encerrados os trabalhos de arguição às 10 h 05 min, os examinadores reuniram-se para avaliação e deram o parecer final sobre o trabalho. Assim, após avaliação e deliberação, considerou-se o(a) aluno(a) (x) **aprovado(a)**, ( ) **aprovado(a) com ressalvas**, ( ) **reprovado(a)**, com nota final 9,8. Eu, **Profa. Dra. Patrícia Sara Lopes Melo**, presidente da banca, lavrei a presente ata, que, depois de lida e aprovada, segue assinada por todos os presentes na apresentação pública.

Picos (PI) 06 de NOVEMBRO de 2019.

1. Patrícia Sara Lopes Melo
2. Jânio Ribeiro dos Santos
3. [assinatura]
4. My Kelly Santos Lima
5. Floreline dos Santos da Silva
6. Marielle Rosa Ribeiro de Carvalho
7. Adeirino Antonio de Brito
8. \_\_\_\_\_



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
 ( ) Dissertação  
 (X) Monografia  
 ( ) Artigo

Eu, Elba de Moura Veloso,

autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação

História e Memória do Exercício Docente de Mulheres do Campo do Município de Sussuapara - PI.

de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 30 de Janeiro de 2020.

Elba de Moura Veloso

Assinatura

\_\_\_\_\_  
Assinatura